

TRANSTORNOS ALIMENTARES EM PESSOAS NEGRAS



Qual a prevalência?

Apesar da falta de estudos sobre o tema na população negra, dados existentes indicam que jovens negras podem ser mais propensas a se envolverem em comportamentos de controle de peso (como vômitos, uso de laxantes e de pílulas dietéticas). Prevalências semelhantes ou mesmo superiores de compulsão alimentar são encontradas em mulheres negras adolescentes e adultas. Nos homens e garotos negros, as prevalências podem ser ainda maiores comparado a homens brancos.

O racismo influencia na identificação destes pacientes?

Infelizmente sim. Pessoas negras são menos questionadas por profissionais de saúde sobre sintomas de transtornos alimentares quando apresentam preocupações com o peso e alimentação. Em uma pesquisa sobre identificação de comportamentos alimentares transtornados em 3 pacientes que só diferiam quanto à raça/etnia, 44% dos médicos identificaram o comportamento como problemático na paciente branca, 41% na paciente hispânica, e apenas 17% na paciente negra. Dados que evidenciam os estereótipos raciais na prática e que interferem na detecção precoce de sintomas e direcionamento ao tratamento.

Há diferenças na satisfação corporal?

Discute-se que mulheres negras teriam uma relação mais saudável e positiva com a aparência física, incluindo uma maior “tolerância” a uma forma corporal maior, a um formato mais curvilíneo com protuberância dos seios, coxas e nádegas. No entanto, é claro que se falamos de um outro ideal, mulheres negras que não se encaixam neste padrão têm uma pressão e internalização dupla de não se encaixar nem no padrão europeu de magreza e beleza, nem no da própria raça, o que complexifica as experiências destas mulheres.

A pressão pela magreza é a única coisa que importa?

Embora algumas mulheres negras possam ser influenciadas por um ideal de magreza, há indicações socioculturais e históricas de que não só o corpo magro é relevante ou culturalmente significativo. Em vez disso, *o tom/cor de pele, comprimento e textura do cabelo e características faciais (como tamanho do nariz e lábios)* constituem componentes talvez ainda mais importantes da imagem corporal. Fala-se até mesmo de atributos não físicos, como confiança, estilo pessoal de autocuidado, ideais de ser fortaleza, a guerreira etc., que vão tecendo o conceito multifacetado de beleza da mulher negra. Os homens negros também sofrem com a pressão para além de um corpo magro, no ideal de um corpo musculoso, atlético, que remeta ao significado de força, bravura.

Quais as dificuldades encontradas no reconhecimento e tratamento dos Transtornos Alimentares?

“Eu acreditava que se não parecesse magra, frágil ou esquelética, eu seria indigna de tratamento. Além disso, eu nunca tinha visto afro-americanos retratados como portadores de transtornos alimentares. Eu me sentia uma anomalia. Eu temia que as pessoas não me levassem a sério, ou que fosse impossível para mim ter um transtorno alimentar porque não me encaixava no ‘molde do transtorno alimentar’.

Não visualizar negros com transtornos alimentares nas mídias, filmes/documentários sobre o tema, e até mesmo outros pacientes negros em centros de tratamento, favorece a sensação de não pertencimento, gerando solidão e sofrimento. Ainda, as desigualdades decorrentes da forte opressão de classe social nestes dificultam o acesso a serviços especializados, que aliado à falta de compromeensão por parte dos profissionais de saúde de suas particularidades prejudicam a busca e engajamento no tratamento.

Apesar dos transtornos alimentares poderem afetar qualquer pessoa independente da raça/etnia, gênero e classe social, as formas como eles acontecem e são experienciados podem ser bem diferentes. Portanto, é essencial que profissionais saibam identificar sinais e sintomas em pessoas negras com abordagens que considerem características que vão além das questões de mulheres brancas de classe média/alta. Este acesso a um tratamento adequado é um direito.